

A UNIDADE COMO BÊNÇÃO
Estudo Exegético-Teológico do Salmo 133

UNITY AS A BLESSING:
Exegetical-Theological Study of Psalm 133

José Ancelmo Santos Dantas¹

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise exegético-teológica do Salmo 133, destacando sua estrutura poética, imagens simbólicas e relevância para a espiritualidade bíblica. O salmo, embora breve, revela uma profunda mensagem sobre a fraternidade, a unidade e a bênção divina. Para tanto, a pesquisa aborda os principais símbolos do texto — o *unguento* e o *orvalho* —, relacionando-os às instituições do sacerdócio e do Templo, bem como à experiência comunitária de Israel. A investigação recorre ao hebraico bíblico, à tradição interpretativa e ao contexto histórico-religioso de Israel, demonstrando como o Salmo 133, em sua simplicidade vocabular, transmite uma mensagem universal de vida, comunhão e fé. O trabalho evidencia, ainda, que a bênção divina, evocada pelo salmista, ultrapassa limites geográficos e temporais, sendo sinal perene de fraternidade e esperança para toda a humanidade.

Palavras-chave: Salmo 133. Exegese bíblica. Fraternidade e unidade. Sacerdócio e Templo. Bênção divina.

ABSTRACT

This study presents an exegetical-theological analysis of Psalm 133, highlighting its poetic structure, symbolic images, and relevance to biblical spirituality. The psalm, although brief, reveals a profound message about fraternity, unity, and divine blessing. To this end, the research addresses the main symbols of the text — the ointment and the dew —, relating them to the institutions of the priesthood and the Temple, as well as the community experience of Israel. The investigation uses biblical Hebrew, the interpretative tradition, and the historical-religious context of Israel, demonstrating how Psalm 133, in its vocabulary simplicity, transmits a universal message of life, communion and faith. The work also shows that the divine blessing, evoked by the psalmist, goes beyond geographical and temporal limits, being a perennial sign of fraternity and hope for all humanity.

Keywords: Psalm 133. Biblical exegesis. Fraternity and unity. Priesthood and Temple. Divine blessing.

¹ Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [PUC-SP]. Atualmente é Diretor do Curso de Teologia e Diretor Administrativo do Instituto São Boaventura [Diocese de Santo Amaro] e professor titular da disciplina de Sagradas Escrituras, membro do Grupo de Pesquisa TIAT – Tradução e Interpretação de Textos do Antigo Testamento, sob a orientação do Professor Dr. Matthias Grenzer.

E-mail: ancelmodantas@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9340615501908717> .
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7693-5764>.

INTRODUÇÃO

Os cento e cinquenta Salmos foram divididos em cinco grandes partes: Livro I (Sl 1 – 41), Livro II (Sl 42 – 72), Livro III (Sl 73 – 89), Livro IV (Sl 90 – 106) e Livro V (Sl 107 – 150)². Imagina-se, com isso, que, se a Torá apresenta em caráter normativo a Lei do Senhor, os Salmos constituem a sua resposta. Mais ainda, no quinto e último livro, quinze poemas foram classificados no decorrer da história como “hinos de Peregrinação” e/ou “Cânticos das Subidas”, são eles: (Sl 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133 e 134)³. Trata-se de orações poéticas, primorosamente preparadas e compostas originalmente na língua hebraica. Em princípio, visam temas variados, como por exemplo “o sacerdócio” e o “Templo” – duas instituições de significado religioso, cultural e social, bem influentes no antigo Israel – para onde acorriam os filhos do Senhor, isto é, os “romeiros” provindos de diversos lugares e que se destinavam rumo “aos montes de Sião (עַל־הַרְרֵי צִיּוֹן)” (v. 3b) localizado em Jerusalém⁴.

O Salmo 133 embora classificado como “Cântico de Peregrinação”, é possuidor de “estilo sapiencial”⁵ e como tal pretende celebrar a fraternidade, quer de modo consanguíneo, quer de modo horizontal, humanitário, social e afetivo. Possuidor de uma estrutura vocabular enxuta – apenas quarenta palavras – exala do início (v. 1b) ao fim (v. 3d) do poema o aroma das bênçãos divinas (v. 3c) sobre toda a humanidade. O cheiro natural, simbólico, nele contido, poetiza a respeito da

² Cf.: RAVASI, Gianfranco. **Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione**. Bologna: Dehoniana Libri, 2015. v.3. p. 16. Ravasi observa que, por seu caráter de síntese do Antigo Testamento, o Saltério foi estruturado pelo judaísmo oficial de forma análoga ao Pentateuco. Assim, os 150 salmos foram divididos em cinco livros (Sl 1–41; 42–72; 73–89; 90–106; 107–150), criando o que ele chama de “Pentateuco salmódico”. Essa divisão não é arbitrária, mas marcada pelo uso diferenciado dos nomes divinos (Yahweh e Elohim) e pela presença de doxologias finais que funcionam como selos litúrgicos, proclamando: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, desde sempre e para sempre! Amém, amém” (Sl 41,14; cf. 72,19; 89,52; 106,48; 150,6). Dessa forma, o Saltério não apenas reflete, mas também reinterpreta a memória salvífica de Israel em chave oracional e teológica.

³ Há um estudo publicado de nossa autoria, no qual, após análise apurada, apresenta-se ao leitor o modo como cada Salmo, pertencente a essa família é descrito em sua titulação. Ver em: DANTAS, José Ancelmo Santos, No limiar da esperança! Um estudo bíblico de Sl 130. **Encontros Teológicos** 39, nº. 1. 2024, p. 213-229, disponível em

<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1864/1508> . Acesso em: 05/08/2025.

⁴ Ver: STADELMANN, Luis I. J. **Os Salmos da Bíblia**. Florianópolis: Edições Loyola, 2015. p. 624-625; MILLER, Duane A. Salmo 133: Peregrinación: Pagana, Hebrea y Cristiana. **La Luz: Pensamiento Anglicano**, n. 3, 2021. p. 102.

⁵ O Salmo 133 é considerado sapiencial pelos autores: BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. **A poética hebraica e os Salmos**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 85; WEISER, Artur. **Os Salmos: Grande comentário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994/1997. p. 612; SEYBOLD, Klaus. **Poética dei Salmi**. São Paulo: Paideia, 2007. pp. 90 e 175; BORTOLONI, José. **Conhecer e rezar os Salmos**. São Paulo: Paulus, 2000. p. 549; GONZAGA, Waldecir; PAES BARRETO NETO, José Mirabeau. Bom e agradável, como o óleo e o orvalho: uma análise retórica do Salmo 133, in: **Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**, org. Waldecir Gonzaga, Rio de Janeiro: PUC-Rio/Editora PUC, 202X, Cap. X, p. 303–327. SCHOKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos II. Grande Comentário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 2000s, p. 1536; RAVASI, Gianfranco. **Il libro dei Salmi: Commento e attualizzazione**. Roma: EDB, 1984. p. 667; ROSS, Allen P. **A Commentary on the Psalms**. Grand Rapids: Kregel Academic & Professional, 2012, p.746.

instituição sacerdotal, utilizando a figura de “Aarão (אַהֲרֹן)” (v. 2b), de um lado, e rememora, de outro, a geografia do “monte Sião (הַר צִיּוֹן)” (v. 3b), palco de diversas teofanias. Além disso, ciente da profunda contradição espaço-cronológica existente entre o “monte Sião (הַר צִיּוֹן)” (v. 3b), localizado no Reino do Sul, e o “monte Hermon (הַרְמוֹן)” (v. 3a), situado no Reino do Norte – a cerca de 190 km de distância um do outro –, o Salmo 133, com agradabilidade e suavidade, aproxima distâncias geográficas. Isso porque assim procede o “SENHOR (יְהוָה)” (v. 3c), quando “prescreve (צוה)” sobre seus filhos a “bênção (בְּרָכָה)” (v. 3c). Do mesmo modo, a fé também o realiza, quando é vivida nos moldes das Escrituras, fazendo com que todos “agachem-se unidos como irmãos (שָׁכֵת גַּם־יִחד אֶחָיו)” (v. 1c), isto é, sentem-se juntos em fraternidade.

O tema da fraternidade, cantado e/ou rezado no Salmo 13, é um resgate do sonho querido pelo Senhor, Deus de Israel, desde as origens da criação. No livro do Gênesis, por exemplo, a fraternidade foi cantada, primeiro nos moldes familiares, isto é, entre os irmãos: Caim e Abel; Ismael e Isaac; Jacó e Esaú; José e seus irmãos. Bem como, foi defendida entre tio e sobrinho: ou seja, Abraão e Ló. Posteriormente, o povo de Deus será compreendido como uma grande nação, nos seus inícios, como um só reino: Saul, Davi e Salomão. E, depois, como dois Reinos: o do Norte, cuja capital era Samaria, também chamado por Reino de Israel; e o do Sul, tendo por capital, Jerusalém, também conhecido por Reino de Judá⁶.

O aroma divino exalado neste cântico de “caráter sapiencial”, após descrever acerca de sua titulação e autoria⁷: “Cântico das Subidas (שִׁיר הַמַּעֲלוֹת). De Davi (לְדָוִד)” (v. 1a), lembra, inicialmente ao interlocutor, da possibilidade de haver uma “bênção divina” derramada de “modo informal” e isto se dá, quando “irmãos (אֶחָיו)” (v. 3c) se sentam reunidos⁸. Em seguida, duas imagens naturais constituirão, no poema em questão, sinais vitais para a construção da reflexão poético-teológica: o “unguento (שָׁמֶן)” (v. 2a) e o “orvalho (טֶל)” (v. 3a). O “unguento (שָׁמֶן)” dialoga com a famosa instituição sacerdotal. A história de Israel sempre ensinou sobre duas tradições sacerdotais: a aaronida e a levítica. No Salmo 133, apenas a primeira foi digna de nota. O “orvalho (טֶל)”, tipicamente próprio de paisagens vicejantes — como a vegetação localizada, à época, ao norte de Israel —, sem pedir licença aos critérios rígidos da geografia natural, abraçou-se poeticamente “aos montes de Sião (עַל־הַר צִיּוֹן)” (v. 3b), dando vida ao espaço sagrado ali construído, isto é, o

⁶ As narrativas bíblicas (Gn 4,1-2; 16,16; 21,3; 25,25-26; 37,1-4; 11,27; 1Sm 10,1; 2Sm 5,1-5; 1Rs 1,38-40; 12,1-20) atestam esses episódios. Além disso, a obra **A Bíblia: Salmos** (São Paulo: Paulinas, 2024, p. 305), em sua nota explicativa sobre o Salmo 133, adota abordagem hermenêutica semelhante, mas não apresenta referências diretas às passagens bíblicas e, em vez de intitular o salmo como “Cântico da Fraternidade”, denomina-o “Projeto de convivência”.

⁷ Conforme o estudo “O pecado de Davi: um estudo de (Sl 51)” (DANTAS; ROCHA, 2023), publicado na **Reflexus**, capítulo dedicado ao Salmo 51 detalha cuidadosamente em que sentido Davi é considerado autor do poema e oferece uma análise minuciosa sobre o contexto histórico, religioso e literário do salmo. Cf.: DANTAS, José Ancelmo Santos; ROCHA, Rafael. O pecado de Davi: um estudo de (Sl 51). **Reflexus: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2023. DOI:10.20890/reflexus.v17i1.2739. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2739>. Acesso em: 04/08/25.

⁸ ROSS, Allen P. **A Commentary on the Psalms**. Grand Rapids: Kregel Academic & Professional, 2012, p.747.

“Templo”. Por fim, descreve-se a “bênção (בְּרָכָה)” concedida pelo “SENHOR (יְהוָה)” (v. 3c), como sinônimo de “vida para sempre (חַיִּים עַד-הָעוֹלָם)” (v. 3d).

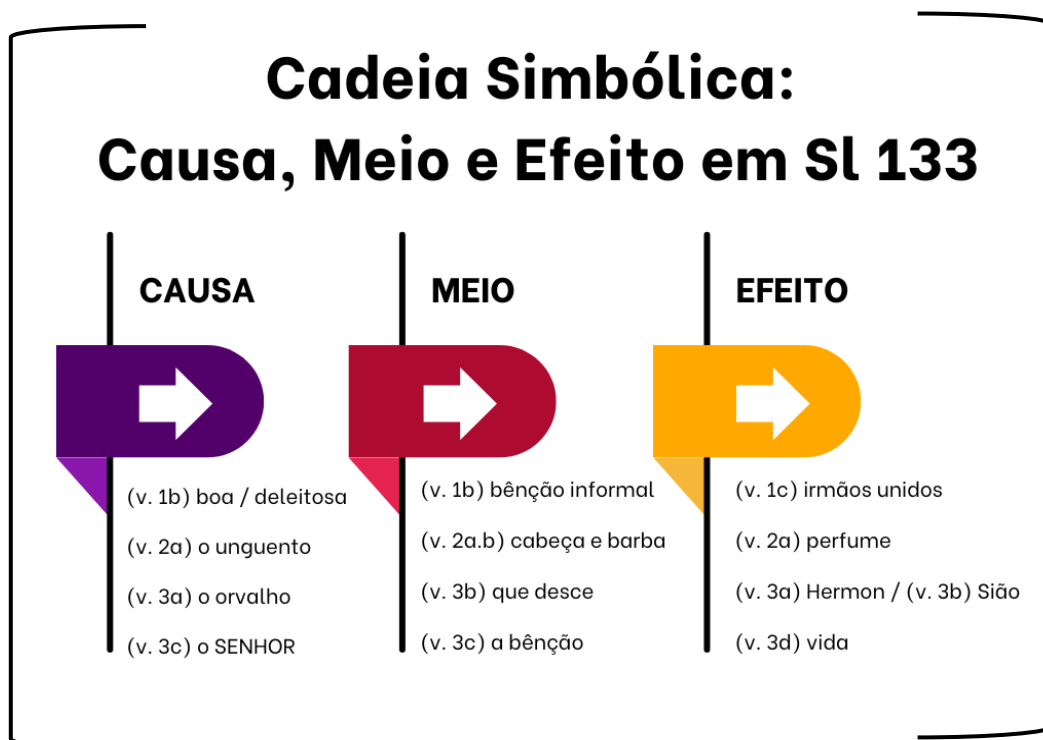


Figura 1- fonte: produzido pelo autor

Dito de outro modo: quando o fundamento do ato tem como efeito a unidade dos irmãos (v. 1c), o seu início, logicamente, só poder ser “bom (טוֹב)” e “deleitoso (נְעִים)” (v. 1b). Nessa circunstância, todos reconhecem a bênção divina, ainda que de forma implícita (v. 1b). De igual modo, bons são os elementos naturais, como o “unguento (שָׁמֶן)” e o “orvalho (טל)” (vv. 2a.3a)⁹.

⁹ Nesse mesmo horizonte interpretativo, é relevante observar que diversos estudos recentes têm ressaltado a importância dos elementos naturais presentes nos Salmos, não apenas como recursos poéticos, mas como fundamentos para uma reflexão teológica em diálogo com a ecologia integral. Nesse contexto, merece menção o grupo de pesquisa TIAT – Tradução e Interpretação do Antigo Testamento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ver: GRENZER, Matthias; AMARAL DE LIMA, Cleodon; BARBOSA CARDOSO, Robert. Dele vem minha esperança: um estudo do Salmo 62. **Encontros Teológicos**, v. 39, p. 195–212, 2024; GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do Salmo 65. **Encontros Teológicos**, v. 38, p. 171–196, 2023; GRENZER, Matthias. Literalidade: desafios ao traduzir os livros Êxodo, Salmos e Cântico dos Cânticos. **Ciberteologia**, v. 19, p. 34–43, 2023; GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, p. 115–129, 2022; GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental. **Encontros Teológicos**, v. 36, p. 439–456, 2021; GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. **Atualidade Teológica**, v. 24, p. 66–86, 2020; GRENZER, Matthias. Peste e epidemia: configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. **Estudos Teológicos (Online)**, v. 60, p. 433–445, 2020; GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade.

Estes, unidos à Palavra do Senhor, tornam-se, na literatura, instrumentos divinos, isto é, símbolos causadores e portadores da graça de Deus. O unguento é o responsável natural pelo cheiro percebido; quando toca a pele, deixa-a mais esperta e ligeira. Ninguém pode detê-lo, tampouco, controlá-lo! O orvalho é fonte significativa de umidade e, ao ser recebido nas primeiras horas do dia, constitui uma verdadeira “bênção (בְּרָכָה)”. Tanto mais quando o seu receptor é morador do “monte Sião (הַר צִיּוֹן)”, cujas principais características destacam-se, etimologicamente, pela “secura” e “aridez”¹⁰.

No início do poema, graças à caracterização dos adjetivos “bom (טוֹב)” e “deleitoso (נְעִים)”, o Senhor se faz presente. Aí no v. 1a, Ele também está presente por causa da unidade. No entanto, no fim do cântico lírico, quem concede a “bênção (בְּרָכָה)”, cuja durabilidade se perpetua “para sempre (עַד-הָעוֹלָם)”, é igualmente o “SENHOR (יְהוָה)” (v. 3c). Assim, há uma moldura estruturante que abre e fecha o poema em Salmo 133. O clima de “bondade” e de “deleite” que o inaugura, graças à ação unitiva de Deus na vida dos irmãos, aponta para o clímax da “bênção” que perpetua a vida em comunidade. Por sua vez, os (vv 2a-3b), descritos no corpo do poema, tornam-se responsáveis pelo desenvolvimento do hino lírico, utilizando duas comparações: o “unguento que desce pela cabeça e pela barba de Aarão”, tocando inclusive a “gola de seu ornamento” (vv. 2a-c) e o “orvalho do Hermon”, descendo, neste caso, ladeira abaixo, até tocar “sobre os montes de Sião” (vv. 3a-b).

Enfim, o Salmo 133 deseja falar-nos. Ainda que tenha sido apresentado nas laudas introdutórias, o poema lírico em questão contém em si a Palavra de Deus. Essas “Letras Sagradas” reúnem, por si mesmas, credenciais capazes de: “instruir”, “refutar”, “corrigir” e “educar na justiça” (2Tm 3,15-16). Escutemo-lo!

APRESENTAÇÃO DO POEMA

Para melhor compreensão junto ao texto bíblico em questão, segue-se uma sistemática básica. Ao lado esquerdo da tabela o interlocutor poderá acessar a língua na qual o Salmo 133 foi originalmente escrito, ou seja, o hebraico. Em seguida, os versos serão organizados por meio de linhas e serão alocados no meio da tabela. Por fim, ao lado direito dela há uma tradução própria. Esta última se propõe a seguir com exatidão o texto em hebraico retirado da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, edição crítica comumente usada no mundo acadêmico¹¹.

Revista Eclesiástica Brasileira, v. 80, p. 750–763, 2020; GRENZER, Matthias. Pastoreio e hospitalidade do Senhor: exegese do Salmo 23. **Atualidade Teológica** (PUC-Rio), v. 41, p. 301–321, 2012; GRENZER, Matthias. Caminhos de justos e perversos: exegese do Salmo 1. **Atualidade Teológica** (PUC-Rio), v. 38, p. 335–348, 201; GRENZER, Matthias. Ação inversora do destino dos pobres: um estudo do Salmo 113. **Atualidade Teológica** (PUC-Rio), v. 36, p. 441–452, 2010.

¹⁰ O “Monte Sião (הַר צִיּוֹן)” possui esse significado. Ver em: ZIMMER, Rudi *et al.* **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 205.

¹¹ ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Ed.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990, p. 1102. (O livro dos Salmos foi preparado, em 1969, por H. Bardtke.)

Tabela 1 – Estrutura versificada do Salmo 133 (Hebraico e português)

Hebraico	Verso	Português
שִׁיר הַמַּעֲלוֹת לְדָוִד	(v. 1a)	Cântico das Subidas. De Davi.
הִנֵּה מֵה־טוֹב וּמֵה־נְעִים	(v. 1b)	Vede: como é bom, como é deleitoso
שָׁכַת אֲחִים גַּם־יַחַד:	(v. 1c)	agacharem-se unidos como irmãos.
כַּשֶּׁמֶן הַטוֹב עַל־הָרֹאשׁ	(v. 2a)	É como unguento fino sobre a cabeça,
יֶרֶד עַל־הַנָּזָן וְקַו־אֶהָרֹן	(v. 2b)	que desliza pela barba, a barba de Aarão,
שִׁירָד עַל־פִּי מְדֻתָּיו:	(v. 2c)	que desliza até a gola de seu ornamento.
כַּטַּל־חֶרְמוֹן	(v. 3a)	É como o orvalho do Hermon,
שִׁירָד עַל־הַרְרֵי צִיּוֹן	(v. 3b)	que desliza sobre os montes de Sião.
כִּי שָׁם צִוָּה יְהוָה אֶת־הַבְּרָכָה	(v. 3c)	porque ali prescreveu o SENHOR sua bênção:
חַיִּים עַד־הָעוֹלָם:	(v. 3d)	vida para sempre!

Fonte: produzido pelo autor

A tradução descrita acima apresenta três novas ocorrências, caso elas sejam comparadas com as demais existentes na língua portuguesa. Inicialmente, tem-se o adjetivo “deleitoso (נְעִים)” (v. 1b), comumente vertido por “agradável”¹². Em seguida, há os verbos “agachar (שָׁכַת)” (v. 1c) e “deslizar (שִׁירָד)” (v. 3b) predominantemente compreendidos nas traduções como: “sentar” e “descer”. E, por fim, a presença do vocábulo “unguento (שֶׁמֶן)”, substantivo, masculino singular, vertido em diversas traduções como “óleo”, “azeite” e/ou “perfume”¹³. Tais percepções captadas neste estudo, visam ao seu horizonte temático-reflexivo. Três substantivos comporão o corpo reflexivo desse estudo: “bênção (בְּרָכָה)” (v. 3c); “unguento (שֶׁמֶן)” (v. 2a) e “orvalho (טַל)” (v. 3a). Algo raro na literatura hebraica, haja vista que os verbos por serem mais abundantes, exercem mais influência, tornando-se, em geral, o carro-chefe junto aos textos de caráter poético-lírico na língua hebraica.

¹² Ver a **BÍBLIA**. *A Bíblia*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2023. 1984 p. ISBN 978-6558082132. p.970; **BÍBLIA**. *Bíblia Sagrada: Tradução Oficial da CNBB* (6ª edição, 2022). Brasília/São Paulo: CNBB, 2022. p. 842. ISBN 978-6559750887; **BÍBLIA**. *Bíblia de Jerusalém* (edição brasileira, tradução da École Biblique). São Paulo: Paulus, 2016. p. 1004; **BÍBLIA**. *Bíblia do Peregrino: Estudo e oração*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 1387. ISBN 978-8534920063.

¹³ É prazeroso perceber a delicadeza do trabalho de tradução da edição da **Bíblia Paulinas**, que verte o vocábulo שֶׁמֶן como “perfume” (**BÍBLIA**. *A Bíblia*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2023. 1984 p. ISBN 978-6558082132, p. 970).

A escolha feita de nossa parte, em adotar o vocábulo “unguento”, não é exclusiva. Tanto a **Bíblia do Peregrino** (**BÍBLIA**. *Bíblia do Peregrino: Estudo e oração*. São Paulo: Paulus, 2017. 1387 p. ISBN 978-8534920063, p. 1387) quanto a obra de Luís Alonso Schokel (SCHOKEL, Luís Alonso. **Salmos II**. ed. São Paulo: Paulus, 2021, p. 1536) traduzem também שֶׁמֶן como “unguento precioso”.

A “BÊNÇÃO (בְּרָכָה)”

Embora a palavra “bênção (בְּרָכָה)”¹⁴ (v. 3c) tenha sido escrita somente uma vez no Salmo 133, sua presença pode ser captada por no mínimo duas vezes. Isso ocorre à medida que ela é usada pelo Senhor como atividade primária, capaz de abrir e fechar o poema lírico. Implicitamente, a bênção – é ou está, no sentido de ser – na atitude dos “irmãos (אֶחָיו)” que se “agacham (שָׁכְתוּ)” (v. 1c), provavelmente junto à mesa. E, em seguida, a “bênção (בְּרָכָה)” é “prescrita (צוּה)” (v. 3c) de modo explícito ou litúrgico e, portanto, oficial, graças à ação do Senhor, Deus de Israel. Com suas setenta e duas ocorrências na Bíblia Hebraica, sendo nove delas apenas no livro dos Salmos, a “bênção”, na condição de substantivo feminino singular, refere-se ao “ato poderoso de Deus” em conceder graças a seu povo, a fim de que este cumpra, de modo fidedigno, a “aliança”¹⁵.

Inicialmente o orante reconhece que o “SENHOR (יְהוָה)” detém a “bênção (בְּרָכָה)”. Isso, inclusive, o capacita a derramá-la sobre o seu povo (Sl 3,9) e sobre o “rei”, na medida em que Ele o “precede” (Sl 21,4) e o “estabelece” (Sl 21,7) com “bênções (בְּרָכוֹת)”. Em seguida, o ser humano também é contemplado como portador da “bênção”. No entanto, exige-se de sua parte alguns requisitos: “palmas das mãos” semelhante às de um “inocente”, “coração límpido”, “alma” distante do “vazio” e livre de “juramento embusteiro”. De fato, sobre este recairão tanto a “bênção (בְּרָכָה)” do “SENHOR (יְהוָה)”, quanto a sua “justiça (צְדָקָה)” (Sl 24,5).

Mas quem é, ou quem são, estes? Trata-se daqueles que se propõem a ser justos. Pois, enquanto o “perverso (רָשָׁע)” toma emprestado e nada “retribui”, o “justo (צַדִּיק)”, por sua vez, “todos os dias” é “misericordioso (חַוּנָּה)”, sem ganância alguma; ele “empresta” e, por isso, sua posteridade é uma “bênção (בְּרָכָה)” (Sl 37,21.26). Ainda que, porventura, encontrem dificuldade em seu caminho, a intervenção divina sempre agirá. Do mesmo modo se dá com a natureza: a chuva que desliza aplaina a secura das estradas¹⁶. O “peregrino” sente-se confortado e revitalizado quando se encaminha rumo ao “Santuário” a fim de buscar a Deus. Tal comportamento, embora construído em torno de uma imagem, constitui uma “chuva de bênçãos”(Sl 84,7)¹⁷. Não gozará desta, contudo, aquele que tiver amado

¹⁴ Outras palavras podem ser-lhe sinônimas como: “promessa”, “prêmio”, “presente”, “regalo”, “obséquio” e “dom”. Enquanto substantivo, designa sempre o “ato”, a “fórmula” ou o “conteúdo”. Cf. SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 120.

¹⁵ Cf. SANTOS, Creuse. Salmo 133. Disponível em:

https://www.academia.edu/30356785/Salmo_133. Acesso em: 4 ago. 2025. p. 3.

¹⁶ No Sl 84,7 o orante descreve essa região geográfica como “Vale de Baká (עֵמֶק בָּכָא)”. Em Jz 2,5 é chamada de “Carvalho dos Prantos” ou “Vale das Lágrimas”. Muitos a relacionam ao famoso cimo das amoreiras, lugar do conflito entre Davi e os filisteus, descrito em 2Sm 5,23-25.

¹⁷ O estudo do Salmo 133 marca um caminho hermenêutico que está sendo construído com dedicação e sensibilidade. A proposta é simples, mas profundamente significativa: percorrer, passo a passo, todos os Salmos pertencentes à família dos Hinos de Peregrinação, lançando sobre eles um olhar que una leitura bíblica, reflexão teológica e escuta literária. Mais do que analisar textos antigos, a intenção é escutar sua voz viva hoje, no coração do povo. Cada Salmo será, então, associado a um Santuário brasileiro, como quem traça uma ponte entre a Palavra e a vida, entre as Escrituras e a espiritualidade popular. Se os antigos peregrinos de Israel subiam ao templo cantando seus salmos, nós também subiremos — mas agora, guiados por quinze Santuários que representam as cinco regiões da nossa Terra de Santa Cruz. É um convite a reconhecer que a fé que brota da Bíblia continua a ecoar nos passos do povo que caminha, reza e crê.

a “maldição”, vestindo-se dela como uma segunda pele e deixando de apreciar a “bênção (בְּרָכָה)” que dele se afastou como fruto de suas escolhas (Sl 109,17). Neste caso, sua identidade será a infelicidade, pois todos, ao passarem ao seu redor, a uma só voz, não dirão: esteja sobre vós “a bênção do SENHOR (בְּרָכַת יְהוָה)”, nem dirão: “em nome do SENHOR (בְּיֵשֶׁם יְהוָה)” vos abençoamos (בְּרַכְנוּ)” (Sl 129,8).

Se, no v. 1c a “bênção” se encontra ali graças à unidade dos irmãos, no v. 3c ela é derramada no, e a partir do, “monte de Sião” (v. 3b), que é a casa do Senhor. É o momento em que os irmãos se reúnem, provavelmente em uma grande liturgia. Ao receberem a “bênção”, sabem que foram presenteados com o dom da “vida” — vida esta que “perdura” (v. 3d). Além disso, o autor da bênção é o Senhor, Deus de Israel. O princípio garantidor da recepção da bênção, isto é, o caminho que a fará frutificar na vida dos que a recebem, é a unidade. E essa unidade está profundamente relacionada com a consagração, cuja visibilidade se manifesta por meio do “unguento” (v. 2a).

Enfim, a unidade dos irmãos, seja no âmbito familiar, seja no âmbito nacional, sempre foi algo desejado por Deus. Quando homens foram ungidos, quer para o serviço real, quer para o trabalho sacerdotal (Lv 8,12; 1Sm 16,13; 1Rs 1,39), sempre houve um consenso de unidade. Quem canta ou reza no Salmo 133 não desistiu desse sonho divino: “como é bom, como é deleitoso, agacharem-se unidos como irmãos” (vv. 1b-c). E, apostando no caminho imagético, prolongou sua poesia: “é como unguento fino sobre a cabeça” (v. 2a). Ora, do ato de abençoar e ungir é que surge a figura sacerdotal. Entretanto, por que utilizar este “unguento (זָמָן)”, cuja base é natural, para ungir a cabeça de um homem, quando este último insiste em ser sinal de perversidade, em vez de se tornar símbolo de unidade?

No Salmo 133, os dois retratos permanecem unidos: “unguento (זָמָן)” (v. 2a) e “orvalho (טֹל)” (v. 3a), sendo que tanto um quanto o outro são presididos ou coordenados pela “bênção (בְּרָכָה)” (v. 3c) que provém do Senhor. O primeiro tem sua origem no Sul; o segundo, no Norte; e, em ambos os lugares, Deus sempre esteve presente, guiando-os com sua divina providência. Dito de outro modo: em Judá, Deus agiu por meio da celebração litúrgico-sacramental; em Samaria, atuou através da paisagem natural. Em uma e em outra situação, há sempre Deus, há sempre a natureza que, com sua beleza e aroma, evangeliza, atrai, conquista e convence o mundo, a fim de que este veja o que Deus viu desde os inícios: que tudo

Nesse projeto, o que se deseja é mais do que unir dois mundos: é revelar que fé bíblica e fé popular não são opostas nem distantes. Pelo contrário, estão entrelaçadas, uma fecundando a outra. A Palavra sustenta o povo, e o povo dá carne à Palavra. Ambas nascem do mesmo Espírito e, em comunhão, elevam o Nome do Senhor, Deus de Israel. Esse encontro ganha sua plenitude na Pessoa de Jesus Cristo, que, ao morrer e ressuscitar, fez-se ponto de convergência entre o Céu e a Terra, entre a história sagrada e a história vivida. Um exemplo tocante dessa união entre fé e cultura pode ser vivenciado na **Basilica Santuário Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador (BA)** <https://www.salvadordabahia.com/experiencias/basilica-nossa-senhora-da-conceicao-da-praia/>.

Erguida no coração da capital baiana e consagrada à Imaculada Conceição, padroeira do estado, a Basilica simboliza o lugar onde o povo se reúne como irmãos (Sl 133,1), para receber, como o orvalho do Hermon e o óleo precioso sobre a cabeça de Aarão (Sl 133,2-3), a bênção de Deus que gera vida e fraternidade. Assim como o salmista contemplava a comunhão que descia de Sião, também aqui os fiéis experimentam a graça que, da liturgia e da devoção popular, transborda para a vida cotidiana, fortalecendo a identidade de fé e de povo.

era “bom (טוֹב)” (Gn 1,4.10.12.18.21.25.31), e, portanto, uma “bênção (בְּרָכָה)” (v. 3c).

É COMO “UNGUENTO (שֶׁמֶן)”

O orante continua sua prece lírica do seguinte modo: “é como unguento fino sobre a cabeça que desliza pela barba, a barba de Aarão, que desliza até a gola de seu ornamento” (vv. 2a-c). O vocábulo “unguento (שֶׁמֶן)” no sentido de “óleo perfumado” e/ou “azeite fino”, morfologicamente é um substantivo masculino singular, descrito cento e noventa e três vezes na Bíblia Hebraica, mas no livro dos Salmos conta com apenas dez usos. De acordo com Ex 30,20-33, o ato de misturar ingredientes finos e preciosos é reservado apenas ao perfumista. Mais ainda, descreve-se também os nomes dos cinco compostos que foram utilizados: “mirra”¹⁸, “canela aromática”¹⁹, “cálamo”²⁰, “cássia”²¹ e “azeite de oliva”²².

Nos Salmos, o uso de “unguentos” e/ou “perfumes” é inicialmente lembrado em um contexto de “mesa” e, portanto, de “banquete”, no qual a “cabeça” do escolhido torna-se recipiente material e visível, usada como lugar para a penetração do “óleo fino” que será derramado (Sl 23,5). A presidência desse ato, compete a Deus. Ele o realiza à medida que “unge com unguento” (Sl 45,8), a exemplo do que ocorreu com Davi: “ungido” e positivamente atingido pela “santidade de Deus” (Sl 89,21). Assim, o consagrado torna-se forte, robusto e alegre, cuja “fronte” se assemelha à de um “búfalo”, graças ao “unguento (שֶׁמֶן)” refrescante e perfumado que foi derramado, a ponto de “umedecê-lo” (Sl 92,11). Pois, se é próprio do “vinho”, alegrar e do “pão”, fortalecer, o “unguento (שֶׁמֶן)” faz “brilhar as faces” (Sl 104,15), penetrando nos “ossos” (Sl 109,18). Inclusive, a ausência de seu uso faz o “corpo” humano “emagrecer” (Sl 109,24). Quem recebeu este ato de natureza “simbólico-sacramental”²³, deve viver com verdade e sinceridade. Jamais deve se

¹⁸ Ver Gn 43,11. Trata-se de um líquido aromático, presente de grande valor.

¹⁹ Ver Pr 7,17. Espécie de especiaria valiosa, um tipo de perfume usado para receber o cônjuge no leito.

²⁰ Ver Ct 4,14. Planta que exala cheiro adocicado e amadeirado.

²¹ Ver Ez 27,19. Esta, assim como a “canela aromática” era proveniente de terras longínquas, como a Arábia ou Índia.

²² Utilizado também para fins cosméticos (Am 6,6; Ct 1,3; 2Sm 14,2), medicinais (Is 1,6), para acender lâmpadas (Ex 25,6; 27,20; Lv 24,2) e até como símbolo de prosperidade (Dt 33,24). A fim de aprofundar essa temática, ver: GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca Antonia de Farias. Especiarias aromáticas no sepultamento de Jesus (João 19,39-40). **Paralellus: Revista de Estudos de Religião** – UNICAP, Recife, PE, v. 9, n. 20, p. 35–47, 2018. DOI: 10.25247/paralellus.2018.v9n20.p035-047.

Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1123>. Acesso em: 4 ago. 2025.

²³ A Igreja Católica utiliza em sua liturgia três tipos de “unguentos (שֶׁמֶן)” e/ou “óleos”: o dos Catecúmenos, o da Crisma e o da Unção dos Enfermos. O óleo da Crisma é o mais perfumado, sendo utilizado tanto nas celebrações de Crisma, ao confirmar adolescentes, jovens e adultos já batizados, quanto nas ordenações presbiterais e episcopais. Nestes casos, o candidato ao presbiterato é ungido nas mãos, enquanto o candidato eleito para o episcopado é ungido na cabeça. [Ver: **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB**. Os óleos abençoados na Missa do Crisma: saiba quais são e a composição deles. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/oleos-abencoados-missa-do-crisma/>. Acesso em: 5 ago. 2025].

comportar como os “homens mentirosos e embusteiros” detentores de “boca” mais “lisa” que “manteiga” e de “palavras” mais “suaves” que o “unguento”, no entanto, são “punhais” (Sl 55,22). Uma cabeça “ungida” que se comporta desse modo “frustra” o “unguento (יָגֵן)” fino e precioso, cheiroso e aromático, recebido por ocasião da “unção” (Sl 145,1).

Ao dizer que “desliza pela barba, a barba de Aarão”, tem-se uma estrutura gramatical bastante clara. O período frasal no verso 2b inicia-se com a colocação do verbo “deslizar (יָרַד)” – no grau do *Qal*, no tempo do perfeito, masculino singular. Em seguida, tem-se a descrição de um substantivo, comum aos dois gêneros, isto é, masculino ou feminino, no singular construto, vertido como “barba (יָקַן)”, de ocorrência dupla e antecedido pela preposição (עַל) e pelo artigo definido (הַ). Assim, a soma dessas duas partículas resulta na expressão “pela”. Por fim, tem-se um complemento nominal, funcionando como substantivo próprio: “Aarão (אַהֲרֹן)”²⁴.

Após descer pela “barba (יָקַן)” de “Aarão (אַהֲרֹן)” no v. 2b, o orante conclui sua prece dizendo no v. 2c: “que desliza até a gola de seu ornamento”. Três vocábulos hebraicos formulam este período: o verbo “deslizar (יָרַד)” no grau do *Qal*, particípio, masculino, no singular, sendo precedido pela partícula de relação vertida como “que (שֶׁ)”; mais a preposição comumente traduzida por “sobre” e/ou “até (עַל)”. Em seguida, tem-se um substantivo, masculino, no singular construto “gola (פֶּה)”, antecedendo outro substantivo, feminino, plural no construto “ornamento/vestimentas (מְדוּתָיו)”, seguido pelo sufixo da terceira pessoa, masculino no singular (ו). Existe uma clara abordagem de continuidade. A “barba (יָקַן)” (v. 2b) aponta para a força “física” e “espiritual”. O “ornamento (מְדוּתָיו)” e/ou as vestes indicam a “dignidade”²⁵.

Enfim, o caminho natural feito pelo “unguento” que provém da terra, isto é, de baixo, ao “deslizar” pela “barba” de “Aarão”, torna-se no Salmo 133, um prelúdio simbólico para a imagem do “orvalho” que provém do céu, fazendo seu longo percurso, isto é, deslizando do “Hermon” até os “montes de Sião”. Trata-se de duas imagens comparativas muito antigas e conhecidas. Na gramática hebraica, podem ser apenas imagens, contudo, por fazerem parte das Sagradas Escrituras, uma vez proclamadas em assembleia, tornam-se Palavra de Deus. O “unguento (יָגֵן)” na natureza é apenas uma especiaria, com finalidade cosmética, medicinal e muscular, mas na liturgia é fonte sagrada que gera: filiação – *batismo* –; pertença – *crisma* –; consagração/eleição – *ordenação presbiteral e episcopal* –; e cura/consolo – *unção dos enfermos*.

É COMO “ORVALHO (טֶל)”

O orante encaminha sua prece ao descrever a última parte da imagem dizendo no v. 3a: “é como o orvalho do Hermon”. Ora, duas pequenas palavras

²⁴ As Escrituras ensinam que “Aarão (אַהֲרֹן)” era filho de Anrão e Joquebede (Ex 6,20); irmão mais velho de Moisés e Miriã (Nm 26,59); nascera três anos antes de Moisés, no Egito (Ex 7,7); seu sacerdócio provinha da tribo de Levi (Ex 6,19). Serviu como boca de Moisés, por ocasião do serviço de libertação convocado pelo Senhor, graças ao dom da palavra que possuía (Ex 4,16-17); e morreu com 123 anos de idade, no monte Hor — situado na região de Edom (Nm 20,22; 33,38-39).

²⁵ RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione*. Bologna: Dehoniana Libri, 2015. v.3. p. 667.

escritas em hebraico dão o teor semântico desse verso. Tem-se, inicialmente, a partícula prepositiva “como (כְּ)” bem unida ao substantivo masculino, no singular do construto “orvalho (טל)” caracterizando o substantivo de nome próprio “Hermon (הֶרְמוֹן)”²⁶. Mais ainda, o leitor assíduo junto às laudas das escrituras, logo fará memória do oráculo apocalíptico predito pelo profeta Isaías: “teus mortos viverão, teus cadáveres se levantarão, despertarão jubilosos os que habitam no pó. Porque o teu “orvalho (טל)” é “orvalho (טל)” de luz” (Is 26,19).

Na Bíblia Hebraica o orvalho é detentor de trinta e uma presenças. Em princípio sua existência se dá graças à vontade de Deus. A sabedoria vigente no antigo Israel testamentou acerca do “orvalho do SENHOR (Is 26,19; Mq 5,6), “orvalho do céu (מִטַּל הַשָּׁמַיִם)” (Gn 27,28; Zc 8,12), isto é, o “orvalho que cai do alto” (Gn 27,39). De um lado há “gotas de orvalho” (Jó 38,28), “nuvem de orvalho” (Is 18,4), bem como, o “orvalho sobre a terra” (Dt 33,13; Jz 6,39.40; 2Sm 17,12), “orvalho sobre o acampamento” (Nm 11,9), “orvalho nas redondezas do acampamento” (Ex 16,13), “orvalho sobre a erva” (Pr 19,12), “orvalho sobre a lã” (Jz 6,37), “orvalho sobre a cabeça” (Ct 5,2) e o “orvalho da noite” (Jó 29,19). De outro lado, existe o “orvalho destilado” (Dt 32,2; 33,28; Pr 3,20), “orvalho evaporado” (Ex 16,14; Os 6,4; 13,3), “orvalho espremido” (Jz 6,38), “orvalho não desejado” (2Sm 1,21; 1Rs 17,1) e o “orvalho recusado” (Ag 1,10). Aqueles que se propõem seguir o Senhor, Deus de Israel, devem se apequenar, assemelhando-se ao “orvalho da infância (Sl 110,3); assim sendo, brilharão como “orvalho de luz” (Is 26,19). Quer dizer, “orvalho” é realmente coisa de Deus! Aliás, certa vez, Deus se propôs a ser como “orvalho para Israel”, caso esta nação voltasse atrás e se convertesse (Os 14,6).

Ao cantar nos vv. 3a-b: “é como o orvalho do Hermon que desliza sobre os montes de Sião”, o orante sabe que pertence a uma terra seca, árida e de sol escaldante. Sua maior fonte de água é o rio Jordão. Por isso, nada melhor que a frescura suave proveniente de um “orvalho” agradável. Desejá-lo, neste caso, só pode ser sinônimo de “bênção (בְּרָכָה)” (v. 3c). Oxalá que esta, então, recaia não apenas sobre irmãos unidos pelos laços da consanguinidade, mas sobre toda a humanidade, gerando “vida (חַיִּים)” (v. 3d) com dignidade em caráter procriativo, por meio da união familiar. Uma vez que, pensar em “imortalidade” e “ressurreição”, neste contexto histórico imediato, seria anacrônico²⁷. Em suma, do mesmo modo que o ‘unguento fino desliza pela barba de Aarão, tocando a gola de seu ornamento’, e esta é uma imagem comparativa para dizer acerca da instituição sacerdotal. O orvalho diz sobre a “fecundidade” e a “vida”. Uma realidade unida a outra gera “felicidade” e “fraternidade”²⁸.

²⁶ Allen Ross em sua obra *A commentary on The Psalms – vol. 3* chama o Hermon de genitivo atributivo pelo fato de estar qualificando o “orvalho”. ROSS, Allen P. **A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)**. Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505. 2015, p. 774.

²⁷ ROSS, Allen P. **A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)**. Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505. 2015, p. 774.

²⁸ BORTOLONI, José. **Conhecer e rezar os Salmos**. São Paulo: Paulus, 2000, p. 550.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Salmo 133 é um poema lírico. Quando comparado a outros poemas da literatura hebraica, o leitor ao vê-lo, logo percebe sua brevidade quantitativa. Mas isso não significa que ele seja portador de uma mensagem pequena, estreita ou limitada, no sentido qualitativo. Pelo contrário, o Salmo 133 canta a “vida (חַיִּים)” (v. 3d) nas suas diversas fases: na união entre os “irmãos (יָחַד)” (v. 1c); na celebração litúrgica por ocasião do derramamento do “unguento (שֶׁמֶן) fino” sobre a “cabeça (הָרֹאשׁ)” (v. 2a) e a “barba (זָקֵן)” do eleito e escolhido (v. 2b); e, na percepção de uma fé sensível, aberta à contemplação da natureza e evocação da mesma, a partir de seus elementos naturais, como é o caso do “orvalho do Hermon (טֶל הָרְמוֹן)” (v. 3a).

Além disso, por meio das imagens do “unguento (שֶׁמֶן)” (v. 2a), que sobe do Sul, e do “orvalho (טֶל)” (v. 3a), que desce do Norte, o Salmo 133 canta poeticamente sobre duas grandes instituições: o Sacerdócio e o Templo. Na perspectiva de que seu cântico movido pelo clima de fraternidade e unidade, fosse sinal de “bênção (בְּרָכָה)” para todos (v. 3c). O Salmo 133 é, portanto, um cântico que pode ser cantado: “lá”, “ali”, “aí”, “onde”, “aonde” e até “quando” quiser, graças à força relativa da “partícula adverbial” nele prescrita (שָׁם) (v. 3c). Certamente este cântico será ouvido por Deus e será uma “bênção (בְּרָכָה)”, sobretudo se a razão deste cantar pressupor: a reunião de “irmãos (יָחַד)” unidos e “agachados (שָׁכְתָה)” (v. 1c) tendo como vislumbre a fraternidade. Esse, de fato, é um cântico “bom (טוֹב)” e “deleitoso (נִשְׂעִים)” (v. 1b), pois gera nos relacionamentos de quem canta: “vida para sempre (חַיִּים עַד־עוֹלָם)” (v. 3d).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. **A poética hebraica e os Salmos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BÍBLIA. A Bíblia. Tradução direta dos originais (hebraico, grego e aramaico), com introduções, notas explicativas, mapas e leitura orante. São Paulo: Paulinas, 2024. 7 069 p. ISBN 978-6558082675.

BÍBLIA. A Bíblia: Salmos. Vários autores. São Paulo: Paulinas, 2024. 320 p. ISBN 9788535642322.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém (edição brasileira, tradução da École Biblique). São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA. Bíblia do Peregrino: Estudo e oração. São Paulo: Paulus, 2017. ISBN 978-8534920063

BÍBLIA. Bíblia Sagrada: Tradução Oficial da CNBB (6ª edição, 2022). Brasília/São Paulo: CNBB, 2022. ISBN 978-6559750887.

BORTOLONI, José. **Conhecer e rezar os Salmos**. São Paulo: Paulus, 2000.

DANTAS, José Ancelmo Santos; ROCHA, Rafael. O pecado de Davi: um estudo de (Sl 51). **Reflexus: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2023. DOI:10.20890/reflexus.v17i1.2739. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2739> . Acesso em: 04/08/25.

DANTAS, José Ancelmo Santos, No limiar da esperança! Um estudo bíblico de Sl 130. **Encontros Teológicos** 39, nº. 1. 2024, p. 213-229, disponível em

<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1864/1508> . Acesso em: 05/08/2025.

GONZAGA, Waldecir; PAES BARRETO NETO, José Mirabeau. Bom e agradável, como o óleo e o orvalho: uma análise retórica do Salmo 133, in: **Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**, org. Waldecir Gonzaga, Rio de Janeiro: PUC-Rio/Editora PUC, 202X, Cap. X.

GRENZER, Matthias. Ação inversora do destino dos pobres: um estudo do Salmo 113. **Atualidade Teológica** (PUC-Rio), v. 36, p. 441–452, 2010.

GRENZER, Matthias. Caminhos de justos e perversos: exegese do Salmo 1. **Atualidade Teológica** (PUC-Rio), v. 38, p. 335–348, 2011.

GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. **Atualidade Teológica**, v. 24, p. 66–86, 2020.

GRENZER, Matthias. Literalidade: desafios ao traduzir os livros Êxodo, Salmos e Cântico dos Cânticos. **Ciberteologia** (São Paulo), v. 19, p. 34–43, 2023.

GRENZER, Matthias. Pastoreio e hospitalidade do Senhor: exegese do Salmo 23. **Atualidade Teológica** (PUC-Rio), v. 41, p. 301–321, 2012.

GRENZER, Matthias. Peste e epidemia: configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. **Estudos Teológicos** (Online), v. 60, p. 433–445, 2020.

GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental. **Encontros Teológicos**, v. 36, p. 439–456, 2021.

GRENZER, Matthias; AMARAL DE LIMA, Cleodon; BARBOSA CARDOSO, Robert. Dele vem minha esperança: um estudo do Salmo 62. **Encontros Teológicos**, v. 39, p. 195–212, 2024.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, p. 115–129, 2022.

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do Salmo 65. **Encontros Teológicos**, v. 38, p. 171–196, 2023.

GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca Antonia de Farias. Especiarias aromáticas no sepultamento de Jesus (João 19,39-40). **Paralellus: Revista de Estudos de Religião – UNICAP**, Recife, PE, v. 9, n. 20, p. 35–47, 2018. DOI: 10.25247/paralellus.2018.v9n20.p035-047.

Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1123>. Acesso em: 4 ago. 2025.

GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, p. 750–763, 2020.

RAVASI, Gianfranco. **Il libro dei Salmi: Commento e attualizzazione**. Roma: EDB, 1984;

ROSS, Allen P. **A commentary on The Psalms – vol. 3** (90-150). Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505. 2015. p.774.

SANTOS, Creuse. **Salmo 133**. [S.l.]: Academia.edu, [S.d.]. Disponível em: https://www.academia.edu/30356785/Salmo_133. Acesso em: 4 ago. 2025.

SCHOKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos II (73 a 150)**. ed. São Paulo: Paulus, 2021. 752 p. (Grande comentário bíblico). ISBN 978-6555622416.

SEYBOLD, Klaus. **Poetica dei Salmi**. São Paulo: Paideia, 2007.

STADELMANN, Luís I. J. **Os Salmos da Bíblia**. Florianópolis: Edições Loyola, 2015.

MILLER, Duane A. Salmo 133: Peregrinación: Pagana, Hebrea y Cristiana. **La Luz: Pensamiento Anglicano**, n. 3, 2021.

STADELMANN, Luís I. J. **Os Salmos: estrutura, conteúdo e mensagem**. Tradução de José Raimundo Vidigal. Petrópolis: Vozes, 1983.

WEISER, Artur. **Os Salmos: Grande comentário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994/1997.

ZIMMER, Rudi et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

_____. **UNITED STATES CATHOLIC**. Catholic Church's ordination rites explained. Rochester Catholic Press Association, Inc., 2025. Disponível em: <https://catholiccourier.com/articles/catholic-churchs-ordination-rites-explained/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

_____. **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB**. Os óleos abençoados na Missa do Crisma: saiba quais são e a composição deles. São Paulo: CNBB, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/oleos-abencoados-missa-do-crisma/>. Acesso em: 5 ago. 2025.